

Maria Manuela Brito Martins\*

## **O *Secretum secretorum* na edição de Rogério Bacon: significação dos segredos e enigmas do conhecimento**

### **Roger Bacon's *secretum secretorum* edition: meaning of the secrets and enigmas of knowledge**

#### **Abstract:**

The goal of this paper is to present, however briefly, the criticisms wielded by Roger Bacon to the practice of natural science of his time. Taking as starting point the edition made by Roger Bacon of the pseudo-aristotelian text *Secretum secretorum*, we develop two fundamental lines of analysis. On the one hand, we provide an outline of the genealogy and reception of the *Secretum secretorum*, which was largely disseminated in the Medieval Latin tradition, namely in the Iberian Peninsula. The interest taken by the *doctor mirabilis* in the edition, the history and reconstitution of the text, shows the forcible reasons Bacon had to foresee textual criticism. On the other hand, we stress the importance of the *Secretum secretorum*, especially his medical section, as a major source for Bacon's criticism of scientific and experimental practice in his time.

**Key words:** Science; Mathematics; *mathesis*; Astronomy; Secrets of nature.

**Ancient and Medieval Authors:** Aristotle; John of Damascus; John of Seville; Philipp of Tripoli; Roger Bacon

#### **Resumo:**

O objetivo deste artigo teve como propósito apresentar, ainda que brevemente, as críticas de Rogério Bacon ao saber praticado na sua época. Tomando como ponto de partida a edição do texto pseudo-aristotélico *Secretum secretorum*, realizada por Rogério Bacon, explanam-se aqui duas linhas fundamentais de reflexão. Em primeiro lugar, faz-se um traçado da genealogia e da recepção do *Secretum secretorum* que teve uma larga e importante difusão na tradição lati-

---

\* Universidade Católica Portuguesa – Porto. Email: mmartins@porto.ucp.pt.

na medieval, em particular, na Península Ibérica. O interesse do *doctor mirabilis* pela edição do texto e pela história da sua reconstituição demonstra já os fortes motivos de Bacon para a prática da crítica textual. Em segundo lugar realçamos a importância do *Secretum secretorum*, particularmente, na seção médica do tratado, como uma das fontes para a crítica de Rogério Bacon ao saber natural e experimental praticado no seu tempo.

**Palavras chave:** Ciência; matemática; *mathesis*; astronomia; segredos da natureza.

**Autores antigos e medievais:** Aristóteles; João Damasceno; João de Sevilha; Filipe de Trípoli; Rogério Bacon.

Há três motivos fundamentais que nos levaram a escolher o texto *Secretum secretorum*, tendo como motivo principal o tema deste volume, em torno de *Segredo e descoberta na Idade Média*.

- 1) O primeiro prende-se com a crítica mordaz efetuada por Rogério Bacon (ca. 1214/20-1292), nas suas obras mais tardias, ao saber praticado na sua época, que se baseava essencialmente, segundo ele, num conhecimento livresco e redundante, adverso à renovação dos saberes. Bacon apela aí a uma rutura com os métodos até então praticados, intentando revolucionar uma prática do conhecimento científico, que se apoia num método experimental, baseado no conhecimento natural<sup>1</sup>. O *doctor mirabilis* fala de uma *scientia experimentalis*, sem no entanto deixar de articular este mesmo saber experimental com uma *illuminatio* que tem as suas origens agostinianas, e sobre a qual, já falava o seu mestre Roberto Grosseteste (ca. 1168/1175-1253).
- 2) O segundo motivo prende-se com a obra que escolhi para mostrar um pouco essa rutura: o texto pseudo-aristotélico *Secretum secretorum* na edição de Rogério Bacon. Ao estudar a história da origem deste texto, deparei com as implicações da sua receção na cultura medieval portuguesa, e nomeadamente, na importância que este tem para a cultura literária e filosófica da Península Ibérica. Neste ponto, merece especial atenção a

---

<sup>1</sup> *Rogeri Bacon opera quaedam hactenus inedita, Opus tertium*, ed. by J. S. BREWER, Longman, Green, Longman and Roberts, London 1859, pp. 30-31: «Haec autem scripta habent peccata quatuor: Unum est vanitas puerilis infinita; secundum est falsitas ineffabilis; tertium est superfluitas voluminis, eo quod tota postestas illarum scientiarum posset coarctari utili tractatu, et veraci, et plano, et perfecto in vicesima parte illorum voluminum; quartum est, quod partes philosophiae magnificae utilitatis, et immensae pulchritudinis, et sine quibus non possunt scribi quae vulgata sunt, de quibus ego vestrae gloriae scribo, auctor istorum operum omisit. E ideo nulla est utilitas in scriptis illis, sed maximum sapientiae detrimentum».

filiação da tradução latina do *Secretum secretorum* na história da nossa cultura medieval, nos inícios do século XII. Todavia, como vamos ver, ainda que de modo curto, é também em pleno século XIV-XV, que reencontraremos o uso do *Secretum secretorum*, em obras dos nossos autores portugueses.

- 3) Em terceiro lugar, registre-se a complexidade na transmissão e na receção do *Secretum Secretorum*, quer na sua tradição oriental, quer na sua tradição ocidental, tendo em conta as traduções latinas e árabes do texto, que teria sido originalmente escrito em siríaco. A importância e o êxito deste texto, num período que antecede mesmo as traduções massivas das obras aristotélicas, é sinal deste entusiasmo, em particular, com as temáticas que dizem respeito às ciências naturais, à matemática, à astronomia e à alquimia, bem como à medicina. Já no século XII se tinha pré-anunciado este interesse mais do que arcano por estas ciências. Testemunho claro desta preocupação, é-nos dado, por exemplo, através de um Hugo de Santella (ca. 1119-1151) que viveu na 2ª metade do século XII, quando traduzia *Os Segredos da Criação*, de Balinas, ou a de um Miguel Escoto, tradutor da escola de Toledo (ca. †1235), na sua tradução *Lumen Luminum*, ou ainda a de um Vicente de Beauvais (ca. 1190-1264) quando escreve sobre alquimia no seu tratado sobre o *Speculum naturale*, como ainda também quando o nosso *doctor mirabilis* escreve o seu *Speculum secretorum alchemiae*<sup>2</sup>. Notemos ainda que o texto do Pseudo-Alberto Magno *De Secretis Mulierum* se inspirou também no *Secretum Secretorum* para falar sobre os segredos da anatomia do corpo feminino e dos seus segredos mais íntimos. De salientar, igualmente, que Egídio Romano utiliza também o *Secretum secretorum* na sua obra *De Regimine principum*.

## 1. História da receção do texto

Mas, falemos, em primeiro lugar, da origem do *Secretum secretorum* e da sua difusão na época medieval, de forma a entendermos a história da transmissão

<sup>2</sup> D. LORÉE, *Édition Commentée du Secret des Secrets du Pseudo-Aristote*, vol. I, Édition. Thèse de doctorat, CELAM, Université de Rennes 2, 2012, p. 15.

do texto. Por entre as obras que circularam durante a Idade Média e que eram atribuídas a Aristóteles, encontra-se o *Secretum secretorum*. Na verdade, este pseudoepígrafo aristotélico foi um dos mais difundidos durante a idade média, e além disso, aquele em que se verifica a existência de uma quantidade significativa de manuscritos<sup>3</sup>. A obra provocou tal interesse que foi objeto de várias traduções em castelhano, hebraico, catalão, português, aragonês, no antigo francês, em provençal e em russo. Acrescido a este facto tão significativo, deparamo-nos com uma transmissão do texto bastante complexa, desde as suas origens, que ainda não foram completamente desvendadas.

Há duas traduções latinas a partir do árabe: a primeira é a de João de Sevilha (Joannes Hispalensis ou Hispaniensis), cerca de 1130. Todavia, as traduções latinas não correspondem, quer na ordem, quer no seu conteúdo integral, com nenhum texto árabe que nós conheçamos<sup>4</sup>. A tradução latina feita por João de Sevilha, em particular, a secção médica da obra, é enviada à rainha Teresa de Leão († 1130), filha de Afonso VI, rei de Leão e Castela, e mãe do nosso primeiro rei Afonso Henriques (1109-1185)<sup>5</sup>. Segundo Rafael Ramon Guerrero existem cerca de 150 manuscritos desta primeira versão latina, efetuada por João Hispalense<sup>6</sup>. A versão hebraica foi feita no século XII, a partir da tradução de João de Sevilha, e segundo alguns, a tradução castelhana foi feita, com base na versão hebraica, realizada por al-Harizi, com o título *Poridat des Poridats*<sup>7</sup>.

<sup>3</sup> S. J. WILLIAMS, *The Secret of Secrets. The Scholarly Career of a Pseudo-Aristotelian text in the Latin Middle Ages*, The University of Michigan, Ann Arbor 2006, p. 1. Cfr. C. B. SCHMITT, «Pseudo-Aristotle in the Latin Middle Ages», in J. KRAYE, C. B. SCHMITT, W. F. RYAN, (eds), *Pseudo-Aristotle in the Middle Ages: The Theology and Other texts*, (Warburg Institute survey and texts, 11) Warburg Institute, London 1986, p. 5.

<sup>4</sup> R. STEELE, «Introduction», in *Opera hactenus inedita Rogeri Baconi, Secretum Secretorum cum glossis et notulis. Tractatus brevis et utilis ad declarandum quedam obscure dicta Fratris Rogeri*, ed. R. STEELE, E. Typographeo Clarendoniano, Oxonii 1920, p. X.

<sup>5</sup> No entanto, na edição castelhana de *Poridat de las Poridats*, ed. por LLOYD A. KASTEN, Madrid 1957, p. 8, a identificação de Teresa, como sendo a mãe de D. Afonso Henrique, é posta em causa.

<sup>6</sup> R. RAMON GUERRERO, «Elementos neoplatónicos em el Sirr al-asrâr (Secretum Secretorum) atribuido a Aristóteles», in *The Tenth Annual International Society for Neoplatonic Studies Conference*, june 20-23, 2012, Cagliari, (Cerdeña, Italia), p. 4 (texto que nos foi amavelmente cedido pelo autor, estando em vias de publicação). Já para R. FORSTER, *De Aristotelis quae feruntur Secretis Secretorum Commentatio*, Kiliae 1888 e *Hanschriften und Ausgaben des pseudo-aristotelischen Secretum secretorum*, in *Centrablatt für Bibliothekwesen*, 1889, VI, p. 1 a 22 e 57 a 76, há 207 manuscritos.

<sup>7</sup> R. STEELE, «Introduction», cit., p. XIV.

A este respeito tem sido objeto de discussão por vários académicos a identidade deste João Hispalense. Os estudos de Marie Thérèse d'Alverny e de Charles Burnett são os que se dedicaram à elucidação deste personagem. Segundo Marie Thérèse d'Alverny deve-se distinguir três autores relativamente à designação autográfica João Hispalense: 1) Johannes Hispaliensis atque Limiensis, um dos tradutores que pertenceu à escola de Toledo no século XII; 2) Avendauth, ou seja, Ibn Dawud, um judeu que participou na tradução da 'Sifa' de Avicena, e que colaborou com Domingo Gundissalino em Toledo, na tradução do árabe para latim; 3) por último, Johannes Hispanus, que também foi colaborador de Gundissalino e que viveu na segunda metade do século XII<sup>8</sup>. Por sua vez, Charles Burnett, em três dos seus estudos, dilucida a identidade deste tradutor como sendo o Johannes Hispaliensis et Limia. Na verdade, é no prefácio à tradução de João Hispalense, também designado como João de Sevilha, que se encontra a dedicatória à rainha Teresa e que alguns manuscritos atestam<sup>9</sup>. O seu nome João, associado ao topónimo Sevilha, está indicado no prefácio do *De imaginibus*, uma outra tradução atribuída a João de Sevilha, e por isso se considera que, embora pudesse ter vindo de fora da Península, se teria estabelecido em Sevilha<sup>10</sup>.

A importância da identificação deste João de Sevilha, como sendo João Hispalense e Lima, e da sua relação com a corte condal portugalense, vem levantar a questão do papel que desempenhou o saber científico e filosófico na primeira metade do século XII nesta região e a sua importância para a compreensão da nossa cultura filosófica medieval, tal como considera José Meirinhos<sup>11</sup>. Se de facto isto se confirma, então, este primeiro período medieval da nossa cultura poderia finalmente ser melhor compreendido.

<sup>8</sup> M. T. d'ALVERNY, «Translations and Translators», in R. L. BENSON and G. CONSTABLE, (eds.), *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*, University of Toronto Press and Medieval Academy of America, Toronto-Buffalo-London 1991, pp. 445-447.

<sup>9</sup> Ch. BURNETT, «Magister Iohannes Hispalensis et Limiensis and Qustā ibn L-uqā's De Differentia spiritus et animae: a Portuguese Contribution to the Arts Curriculum?», *Mediaevalia. Textos e Estudos* 7-8 (1995) 221-267, em particular, as pp. 225-226; «John of Seville and John of Spain: A mise au point», in *Bulletin de Philosophie Médiévale* 44 (2002) 59-78. Veja-se ainda R. STEELE, «Introduction», cit., pp. XVII, XVIII.

<sup>10</sup> Ch. BURNETT, «Magister Iohannes Hispalensis et ...», cit., 231.

<sup>11</sup> J. F. MEIRINHOS, «Ecos da renovação filosófica do século XII, em Portugal no tempo de Afonso Henriques. A cultura que vem da Europa e o legado árabe», in *2º Congresso Histórico. Actas do Congresso. Sociedade, administração, cultura e Igreja em Portugal no século XII*. Actas do Congresso, vol. 4, Câmara Municipal de Guimarães-Universidade do Minho, Guimarães 1996, p. 168.

Mas relativamente a este facto tão significativo para a compreensão da nossa cultura medieval, que vem mostrar como esta poderá ter acompanhado, de alguma forma, o processo de desenvolvimento da cultura medieval europeia, pode acrescentar-se um outro: a utilização do *Secretum secretorum* em pleno século XIV, em *O Leal Conselheiro* de D. Duarte (1391-1438). Na verdade, o rei eloquente utiliza por três vezes, na sua obra, o *Secretum secretorum*, uma das quais se reveste de grande importância<sup>12</sup>. De facto, tudo indica que o texto a que D. Duarte teria acesso seria uma tradução portuguesa feita a partir da versão oriental do *Secretum secretorum*, isto é, a partir da segunda versão latina, realizada por Filipe de Trípoli, cerca de 1220. Na verdade, o catálogo da sua livraria, atestado pelo manuscrito 3390 da Biblioteca Nacional, assim o confirma<sup>13</sup>. Para além disso, foi objeto de discussão quem teria sido o autor desta tradução em língua portuguesa<sup>14</sup>. O interesse desta obra, em pleno século XIV, no meio cultural português, deve-se ao facto de que o *Secretum secretorum* continha elementos científicos e astronómicos.

No prólogo da versão mais tardia, de Filipe de Trípoli, indica-se que foi realizada a pedido do arcebispo Guido da cidade de Valença, tradução que ele fez do árabe para latim. Na dedicatória de Filipe de Trípoli é dito também que o livro foi encontrado em Antioquia e que ele traduziu com grande afincio este texto, de modo a poder transmitir com clareza o sentido das palavras árabes para língua latina<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> Cfr. Dom Duarte, *Leal Conselheiro*, edição crítica e anotada por J. M. PIEL, Livraria Bertrand, Lisboa 1942. Na obra de D. Duarte encontramos as seguintes referências expressas ao *Secretum Secretorum*, p. 115: «(...) ca tal rey louva muito Aristotilles no Livro de Secretes Secretorum, e nom sem razom, ca pera en esto mal se governarem som enduzidos...»; a segunda citação é muito mais longa, p. 210-13: «E por que vy no livro Secretis Secretorum, que se afirma que fez Aristotilles, alguas speciaaes condições e virtudes que se requerem ao boo conselheiro, as quaaes em geral me bem parecerom, volla fiz aquy tralladar»; p. 226: «Por quanto se diz nos conselhos d' Aristotilles de Secretis Secretorum que per conselhos destrollogos avemos de fazer todos nossos feitos, por que he grande prudencia».

<sup>13</sup> A. MOREIRA de SÁ, «Fundos de Manuscritos», *Boletim Internacional da Biblioteca Luso-Brasileira*, vol. I/4 (1960) 563.

<sup>14</sup> Esta discussão foi sugerida por A. SOUSA GOMES, ««O livro «Segredo dos Segredos» e o Infante D. Henrique», *O Instituto. Revista científica e literária* 93 (1939) 193-220. Todavia, Joaquim de Carvalho poe em causa tal tese, num artigo em que dá resposta ao estudo de Armando Sousa Gomes: ««O secreto de los secretos de astrologia» do Infante D. Henrique» (rectificação), *O Instituto. Revista científica e literária* 93 (1939) 345-357.

<sup>15</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, prólogo de Filipe de Trípoli, ed. R. STEELE, cit., p. 25.

Rogério Bacon denota por sua vez, que esta versão, mais longa, teria sido objeto de censura, e por isso, algumas partes teriam sido corrompidas<sup>16</sup>, sem contudo, mencionar expressamente a versão de João de Sevilha. Todavia, Bacon, tendo consciência de estar perante versões do texto incompletas, efetua a sua edição a partir da conjugação de 4 manuscritos, refundindo a edição do texto:

E muitos exemplares não tinham esta ciência, porque os estultos não a quiseram transcrever, mas apagaram-na dos seus livros; assim, encontrei em Oxford quatro exemplares, que não a tinham, nem igualmente, muitos outros, mas obtive uns exemplares mais perfeitos em Paris<sup>17</sup>.

No entanto, a tradução de João de Sevilha é incorporada na versão latina de Filipe de Trípoli<sup>18</sup>, feita a partir da tradição oriental, e que está incluída na edição de Rogério Bacon. Isto significa que, por um lado, Filipe de Trípoli tem em conta a tradução do seu antecessor, e por outro, que Bacon está bem avisado sobre este facto. Podemos encontrar algumas dessas adições, em vários momentos da versão tripolitana, editada por Bacon<sup>19</sup>, e comparar o texto da edição de Bacon, com o texto da versão de João de Sevilha, publicado pela primeira vez por Hermann Suchier<sup>20</sup>.

Damos de seguida, no quadro abaixo, um exemplo dessa comparação.

---

<sup>16</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, p. 172: «Non est hic liber completus in Latino set multa magnalia deficiunt, ut patet ex Greco et Arabico. Item cum in correccione istius exemplaris habui quatuor exemplaria, scio quod ablata sunt ab eis quedam capitula per stulticiam aliquorum. Et ideo querantur in aliis exemplaribus. Solebam enim habere integrum quantum fuit translatum».

<sup>17</sup> Roger Bacon, *Secretum secretorum*, 39: «Et multa exemplaria non habent illam doctrinam quia stulti non voluerunt scribere, set abraserunt a libris suis, sicut exemplaria quatuor que nunc inveni Oxonie non habuerunt illa, nec similiter multa alia, set Parisius habui exemplaria perfecta».

<sup>18</sup> Cfr. R. STEELE, «Introduction», cit., p. XIV. Vejam-se as páginas 68-83 da edição de Bacon.

<sup>19</sup> R. STEELE, «Introduction», cit., p. XXII. A inclusão vai das pp. 68-83.

<sup>20</sup> H. SUCHIER, *Denkmäler Provenzalischer Litteratur und Sprache zum ersten male herausgegeben*. Bd. 1, Max Niemeyer, Halle 1883, pp. 473-480.

Versão de João de Sevilha a partir da edição de H. Suchier, p. 475

Alexander, cum sit homo corpus corruptibile eique accidit corruptio ex oppositione humorum qui in eo sunt, visum est michi in presenti tempore tibi scribere quedam utilia et omnino necessaria ex secretis artis medicine, quibus contentus eris, maxime cum sit inhonestum quod appareant medicis omnes infirmitates regis. Si autem hoc exemplum perspexeris et iuxta hunc preciosum ordinem conversatus fueris, medico non indigebis excepto in hiis: actibus bellicis sive percussionibus et ceteris que omnino vitari non possunt. Oportet te, o Alexander, cum a sompno surrexeris, modicum ambulare et membra tua modicum extendere et equaliter, caput pectare, quia extensio corroborat corpus et pectinacio extrahit formositates, humores ad caput ascendentes tempore dormicionis a stomacho.

Versão na edição de Rogério Bacon – mais completa – cap. 2 – pp. 68-83, p. 68

Cum hoc corpus corruptibile sit, eique accidit corruptio ex oppositione complexionum et humorum qui sunt in eo, visum est mihi in presenti opere tibi scribere quedam utilia et omnino necessaria ex secretis artis medicine, quibus contentus fueris, et maxime, cum sit honestum ut non appareant medico cuncte infirmitates regis. Si autem diligenter hoc exemplar inspexeris et iuxta hunc modum et ordinem preciosum vixeris et conservatus fueris, medico non indigebis exceptis accidentibus plagis et accionibus, bellicis percussionibus, et ceteris hujusmodi que omnino vitari non possunt.

Igitur, O Alexander, cum a sompno surrexeris modicum debes ambulare et membra tua equaliter extendere, et tuum caput pectere, quia ambulacio temperata et membrorum extensio corroborant corpus et virtutem spiritualem et naturalem confortant et vapores digestionis expellunt, et capitis pectinacio extrahit vapores ad capud ascendentes tempore dormicionis a stomacho, et educit.

Nota-se que o texto da tradução de João de Sevilha, incluída na versão de Filipe de Trípoli, e que a edição de Bacon dá conta, se apresenta de uma forma mais cuidada do que na edição efetuada por Hermann Suchier. De facto, a tradução de João de Sevilha é uma tradução parcial, e por isso mais curta, que, nalguns manuscritos, aparece com o título: *Epistula ad Alexandrum de dieta servanda*. Por conseguinte, a versão de João de Sevilha, quando comparada com a versão de Filipe de Trípoli, revela ser tradução de uma secção particular da obra integral, para além de ser um texto escrito numa forma mais vulgar e simples.

## **2. A genealogia do texto e o seu conteúdo**

O *Secretum Secretorum* apresenta-se sob a forma de uma longa carta mas em forma de livro, escrito por Aristóteles, em que este se dirigia ao seu discípulo



Alexandre, dando-lhe um conjunto de conselhos e de ensinamentos sobre a arte de governar, quando este estava em campanha militar na Pérsia. Em virtude da sua idade avançada e não podendo estar ao lado de Alexandre, Aristóteles responde ao seu pedido através deste escrito<sup>21</sup>.

Apoiando-nos no prólogo da versão árabe do *Secretum Secretorum*, aí lemos que o texto teria sido escrito, inicialmente em grego, e logo após, teria sido traduzido para siríaco por Yuhanna ibn al-Batrik<sup>22</sup>.

Disse o tradutor Yuhanna ibn al-Batrik: «Visitei todos os templos, onde os filósofos depositaram os seus segredos, e consultei todos os monges que me podiam informar sobre o que eu queria encontrar, até que cheguei a um templo do Sol, que foi construído pelo filósofo Esculápio em honra de si próprio. Aí, encontrei um asceta e eremita consagrado e dedicado ao serviço divino, profundamente sábio e de grande entendimento; mostrei-me cortês, invoquei-o e usei de astúcias com ele, até que me mostrou os volumes que estavam depositados no templo. Entre eles encontrei aí o que procurava, aquele que eu pretendia e procurava. Foi a presença vitoriosa, triunfante por ter obtido o que buscava e desejava. E com a ajuda de Deus Altíssimo e com a proteção e o favor do Emir dos Crentes, comecei a sua versão: traduzi-o de língua grega para língua siríaca e logo do siríaco para árabe. O primeiro que se encontra escrito aí é uma cópia da resposta que o filósofo Aristóteles deu ao rei Alexandre<sup>23</sup>.

Na edição do texto de Rogério Bacon também se pode ler no segundo capítulo, na versão de Filipe de Trípoli, uma vez mais, que a obra teria sido orig-

<sup>21</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, p. 38: «Epistola Alexandri ad Aristotilem consulatoria». O doctor egregi, rector justicie significo tue prudencie me invenisse in terra Perses quasdam gentes habundantes racione et intellectu penetrabili, studentes supera lios dominari et regnum acquirere. Unde nos proponimus occidere universos. Quicquid super hoc decreveris, nobis significa tuis scripturis. «Responsio Aristotilis ad epistolam». Cui Aristotilis ita respondit. Si non potes illius terre mutare aerem et aquam, insuper et dispositionem civitatum, imple tuum propositum. Si potes dominari super eos cum bonitate, exaudies eos cum benignitate. Quod si feceris, fiduciam habebas, cum Dei adjutorio, quod omnes erunt subjecti ad tuum beneplacitum et preceptum. Et per amorem quem habebunt in te dominaberis in eis cum triumpho pacifice. Alexandre igitur accepta epistola, suum adimplevit consilium diligenter, et erant Perses magis obedientes suo imperio quam omnes alie nationes».

<sup>22</sup> Yuhanna ibn al-Batrik († 815) d. C. é um tradutor de Aristóteles, que traduziu a *Política* e a *Historia animalium*, para siríaco.

<sup>23</sup> Utilizamos a tradução do prólogo, efetuada por Rafael Ramon Guerrero, no seu estudo R. RAMON GUERRERO, «El Pseudo-Aristóteles árabe y la literatura didáctico-moral hispana: del Sirr al-asrâr a la Poridat de las poridades», in J. M. SOTO RABANOS (ed.), *Pensamiento medieval hispano. Homenaje a Horacio Santiago Otero*, C.S.I.C., Madrid 1998, pp. 1037-1051. A tradução foi realizada a partir da edição de A. BADAWI, *Fontes Graecae doctrinarum politicarum islamicarum*, Dar al-Kutub al-Misriyya, Cairo 1954, p. 26. A edição de Robert Steele apresenta também a tradução inglesa a partir da versão árabe efetuada por A. S. Fulton, pp. 176- 266.

inalmente escrita em grego e, posteriormente, vertida para siríaco, sendo, finalmente, traduzida para árabe. Anote-se ainda que teriam existido no passado outras versões siríacas, ainda que não tão extensas no seu conteúdo. Há vestígios destas versões siríacas de Aristóteles na *Biblioteca orientalis*<sup>24</sup>.

João, filho de Patrício, que traduziu este livro, muito perito e fidelíssimo na interpretação das línguas, declarou: não deixei lugar nem templo nos quais os filósofos costumavam compor e esconder as suas obras secretas pois não encontrei, nem acreditei que alguém tivesse algum conhecimento sobre os escritos dos filósofos, sobre aquilo que procurava, até que vim ao templo do sol, que Esculápio edificara para si. Encontrei um certo homem eremita, asceta, estudioso, muito perito na filosofia e muito excelente no engenho, a quem me humilhei e servi quanto pude e supliquei diligente e devotamente, para que me mostrasse os escritos secretos do seu templo. Ele entregou-mo livremente. E encontrei, entre todos esses livros, a obra que desejava e em razão da qual eu tinha ido a esse lugar e na qual trabalhara há muito tempo. Em posse disto, com que alegria me voltei, propriamente, para as coisas e, a partir desse momento, dei muitas graças, ao Criador. E trabalhei estudando, a pedido do rei ilustríssimo; traduzi, primeiro, não só da língua grega para caldaica, mas também desta para árabe. Portanto, traduzi, principalmente, neste códice, o livro do grande perito Aristóteles, em que ele responde ao pedido do rei Alexandre, sob esta forma<sup>25</sup>.

Modernamente pensa-se que este texto foi um dos primeiros atribuídos a Aristóteles no mundo árabe<sup>26</sup> e que por outro lado, se inscreve numa tradição de um género literário conhecido como o «*Speculum principis*». Esta tradição assenta numa tradição hermetista de raiz islâmica, e cujo livro árabe se conservou unicamente numa versão turca, segundo Mario Grignaschi<sup>27</sup>. Reencontrando de

<sup>24</sup> R. STEELE, «Introduction», cit., p. XIII.

<sup>25</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, p. 39: «Johannes qui transtulit librum istum, filius Patricii, linguarum interpretator peritissimus et fidelissimus, inquit: Non reliqui locum nem templum in quibus philosophi consueverunt componere et reponere sua opera secreta quod non visitavi, nec aliquem peritissimum quem credidi habuere aliquam noticiam de scriptis philosophicis quod non exquisivi, quousque veni ad oraculum Solis quod construxerat Esculapides pro se. In quo inveni quemdam virum solitarium, abinentem, studentem in philosophia peritissimum, ingenio excellentissimum, cui me humiliavi in quantum potui, servivi diligenter et supplicavi devote ut mihi ostenderet secreta scripta illius oraculi. Qui mihi libenter tradidit. Et inter cetera, desideratum opus inveni propter quod ad illum locum iveram, et tempore longissimo laboraveram. Quo habito, cum gaudio ad propria remeavi, inde referens gracias multis modis Creatori. Et ad petitionem regis illustrissimi laboravi studens, et transtulii primo ipsum de língua Greca in Caldeam, et de hac in Arabicam. Inprimis igitur sicut inveni in isto codice transtuli librum peritissimi Aristotilis, in quo libro respondetur ad petitionem regis Alexandri sub hac forma».

<sup>26</sup> R. RAMÓN GUERRERO, «Elementos neoplatónicos...», cit., p. 3.

<sup>27</sup> M. GRIGNASCHI, «La diffusion du «Secretum Secretorum»» (Sirrâl-asrar) dans l'Europe occidentale», *Archives d'Histoire doctrinale et littéraire du Moyen âge* 47 (1980) 7.

certa forma esta tradição no mundo latino, vamos encontrar um florilégio medieval *Parvi flores*, composto entre os anos 1267-1325, cujo autor poderá ser Marsílio de Pádua, onde se extrai um certo número de sentenças do *De regimine principum Aristotelis eruditio*, que foi identificado pela editora deste texto, Jacqueline Hamesse, como o *Secretum secretorum*<sup>28</sup>. Todavia, devemos ainda assinalar a edição de Alexander Achilini por volta de 1500<sup>29</sup>, com incorporação de ambas as tradições, sendo considerada por Mario Grignaschi como uma redação nova a partir do texto *Secretum secretorum*, contendo alguns elementos da versão hebraica a partir do árabe<sup>30</sup>. Robert Steele, fala ainda de uma outra edição, de Francisco Taegius de 1516-17, com uma outra organização do texto<sup>31</sup>. Mas esta edição é atualmente bastante rara.

### 3. A edição de Rogério Bacon

Rogério Bacon faz uso do *Secretum secretorum* em várias das suas obras. A sua edição teve início por volta de 1257<sup>32</sup>. Todavia, não foi realizada de uma só vez. A sua curta e incisiva leitura introdutória ao tratado, só foi mais tardiamente incluída, na edição já iniciada, como algumas das suas obras mais tardias atestam, em particular no *Opus maius* de 1267, quando distingue os verdadeiros matemáticos dos falsos<sup>33</sup>, ou ainda na sua *Graeca Grammatica* quando discorre em torno da etimologia da palavra grega *mathesis*, no sentido do saber filosófico e científico, e no sentido de a distinguir do saber mântico e divinatório<sup>34</sup>. De igual modo, as notas explicativas e corretivas também foram realizadas depois do seu regresso de Paris<sup>35</sup>. As notas explicativas são sempre de grande interesse,

28 J. HAMESSE, *Les auctoritates Aristotelis. Un florilège médiéval. Étude historique et édition critique*, Publications Universitaires, Paris-Béatrice-Nauwelaerts, Louvain 1974, nota n° 19, p. 22.

29 R. STEELE, «Introduction», cit., pp. XXIII-XXIV.

30 M. GRIGNASCHI, «La diffusion do 'Secretum Secretorum' ...», cit., p. 8.

31 R. STEELE, «Introduction», cit., p. XXIV.

32 O texto do *Secretum secretorum*, editado por Rogério Bacon, e que serviu de base à publicação de Robert Steele, foi feita a partir do manuscrito do século XIII, da Bodleian Library a partir do qual foram derivadas outras cópias.

33 Roger Bacon, *The Opus Majus*, pars quarta, edition with Introduction and analytical table by J. H. BRIDGES, Williams and Norgate, Oxford 1900, p. 239.

34 Roger Bacon, *The Greek grammar and a Fragment of his Hebrew grammar*, ed. by E. NOLAN and S. H. HIRSCH, University Press, Cambridge 1902, p. 117.

35 R. STEELE, «Introduction», cit., p. VII.

pois é onde Bacon efetua algumas considerações sobre algum aspeto do texto. A este respeito as notas explicativas de Rogério Bacon são esclarecedoras, quer quanto ao texto, que quanto às autoridades que aí são referidas ou implicitamente aduzidas pela tradução latina do texto.

Mas para melhor entender a edição de Bacon, podemos dizer que ela se estrutura da seguinte forma: 1) uma introdução ao tratado, apresentando uma divisão com os temas principais aí desenvolvidos; 2) a inclusão de notas corretivas aos manuscritos ou variantes à leitura; 3) a inclusão de notas explicativas à sua própria edição; 4) notas e digressões, sobre algum aspeto do texto.

A introdução que Rogério Bacon realiza tem o intuito de revelar as principais seções do texto:

Começa o tratado curto e útil para esclarecer certas palavras obscuras no livro dos Segredos de Aristóteles, que o próprio Aristóteles editou na sua velhice, a pedido de Alexandre Magno. Rogério Bacon da ordem dos frades menores, elaborou este tratado, movido pela caridade, para instrução de alguns sábios. Se o sábio observar e discutir bem todas as coisas, juntamente com as anotações que o próprio irmão Rogério acrescentou ao texto em muitos e diversos lugares, encontrará os últimos segredos da natureza, aos quais o homem, ou a invenção humana pode chegar nesta vida e aquele que aí chegar, poderá ser realmente chamado príncipe do mundo e para que ninguém desespere por causa das dificuldades, porque se não tiver conhecido as naturezas das coisas, principalmente, a ciência da perspectiva e a astronomia, esses segredos não poderão ser-lhe escondidos<sup>36</sup>.

Bacon divide o tratado em sete capítulos, apontando para os seus temas principais: o primeiro capítulo trata do motivo principal do tratado e sobre os erros dos falsos matemáticos. O segundo capítulo trata dos verdadeiros matemáticos e como estes avaliam a necessidade das ciências para o médico, de modo que este possa melhorar a constituição física. O terceiro trata das palavras e dos feitos dos falsos matemáticos e dos demónios. O quarto trata das palavras e dos feitos dos verdadeiros matemáticos e quais as maravilhas que eles podem fazer com a ajuda

---

<sup>36</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, p. 1: «Incipit quidam tractatus brevis et utilis ad declarandum quedam obscure dicta in libro Secreti Secretorum Aristotelis, quem librum edidit Aristotelis ad preces Alexandri Magni in sua senectute; quem tractatum fecit frater Rogerus Bacun de ordine minorum intuitu caritatis ad instructionem quorundam sapientum. Quem tractatum, si sapiens intueatur et bene omnia discuciat, una cum notabilibus que ipsemet frater Rogerus posuit supra textum in multis locis et diversis, inveniet ultima nature secreta ad que homo sive humana invencio in hac vita poterit pervenire, ad que quisunque posset pertingere, vere princeps mundi poterit nominari. Nec desperet quis propter difficultatem, quoniam si naturas rerum cognoverit, scienciam perspective, et astronomiam, ista secreta non poterunt eum latere».

da arte da medicina. O quinto expõe as verdadeiras ciências, que são parecidas com as ciências mágicas, mas cujas intenções são bem distintas, e por isso, são partes da filosofia e da ciência experimental. O sexto apresenta certas questões astronómicas e como elas devem ser entendidas. O sétimo, trata das propriedades dos planetas e dos signos, de que fala Aristóteles neste livro<sup>37</sup>. Porém, esta divisão tal como Bacon a apresenta na sua introdução, não corresponde à divisão efetuada no prólogo de Filipe de Trípoli, que divide o texto em quatro partes, cada uma delas subdivida em múltiplos capítulos<sup>38</sup>. A primeira parte está dividida em vinte e dois capítulos. Esta secção trata essencialmente das diferentes formas de governação do rei; a segunda parte está dividida em trinta capítulos. É a secção médica do tratado. A terceira parte está dividida em vinte e três capítulos e trata dos factos naturais, dando uma certa importância à alquimia. A quarta parte está dividida em dezassete capítulos e trata da fisionomia. Como podemos verificar a segunda parte do tratado é a mais longa e também foi aquela que foi mais divulgada. Além do mais é nesta parte que está incluída a versão de João Hispalense. Para além disso, Rogério Bacon só nos esclarece sobre a inclusão da tradução de João Hispalense, apesar de ela estar incluída no texto, em particular, na segunda parte, que diz respeito à secção médica.

Quanto às notas explicativas salientemos aquelas que dizem respeito a duas autoridades, como sejam as que são atribuídas a João de Mesue, (Yuhanna ibn Masawayh † 857), mas que no fundo se confunde geralmente com João Damasceno<sup>39</sup>. Neste caso, Rogério Bacon não foge a esta confusão de identidade. Na segunda parte deste tratado, a secção médica, no capítulo sete, que concerne à atividade depois do repouso e sobre «o estado de adormecimento antes e depois do repouso», numa nota explicativa, Bacon aponta a dado momento do texto, para

<sup>37</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, p. 1.

<sup>38</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, pp. 28- 35.

<sup>39</sup> Como foi referido na conferência do professor Enrique Montero, neste Congresso da FIDEM, a propósito da identidade de João de Mesue, este autor Ibn Masawayh († 857) é um escritor árabe, que compôs várias obras. Todavia, em diálogo que tivemos com o professor Enrique Montero a propósito da identidade do autor, há quem sustente um outro pormenor biográfico relativamente a este: D. JACQUART et G. TROUPEAU, *Yuhanna ibn Masawayh (Jean Mesue): le livre des axiomes médicaux (Aphorismi)*, (Centre de Recherches d'Histoire et de Philologie de la IVe Section de l'Ecole Pratique des Hautes Études. II. Hautes Etudes Orientales, 14) édition du texte et des versions latines avec traduction française et lexicque, Librairie Droz-Librairie Champion, Genève-Paris 1980, referem que Yuhanna ibn Masawayh era um doutor cristão, um dos mais conceituados do seu tempo. Esteve ao serviço de vários Califas, e provavelmente, teria pertencido ao círculo nestoriano dos autores de Bagdade. Veja-se sobretudo, a introdução à obra, pp. 1-104.

a obra *Aforismos*, atribuindo-a a João Damasceno<sup>40</sup>. Ora os *Aforismos* não são obra de João Damasceno mas sim de João de Mesue. Ainda nesta mesma secção, no capítulo décimo-sexto, que trata «o mal físico do peito, os seus sintomas e a sua cura», na nota explicativa ao tratado, Bacon aponta agora para Johannes Mesue na sua obra, *de egritudine oculorum*<sup>41</sup>.

Para Rogério Bacon os segredos que mais devem interessar aos filósofos e homens da ciência são de dois tipos: sapienciais e naturais, ou seja, os segredos que dizem respeito à divindade e aos elementos místicos, e simultaneamente, os segredos relativamente à natureza e ao cosmos, e à sua necessária revelação. Esta conceção está contemplada de forma notória na tradição cristã, assim como na tradição grega e árabe. E Rogério Bacon atesta-a bem no seu *Opus tertium* de uma forma exemplar:

Mas, com certeza, os santos não reprovaram estas ciências, sobre as quais eu falo; e parece que a respeito disto, a matemática é a ciência superior, assim como a astronomia, por causa dos seus juízos, e porque muitos matemáticos consideraram a necessidade do seu livre arbítrio. Mas os santos não reprovam a matemática, que é uma parte da filosofia, mas, como é evidente, reprovaram aquela que é parte da arte mágica. De facto Isidoro no tratado da *Astronomia* diz que há uma dupla astronomia: uma é natural e a outra é supersticiosa; e a matemática, por um lado, uma, derivada de *mathesi*, é genericamente corrupta e ela é parte da filosofia, por outro, a outra diz-se que vem de *máthêsi*, e é genericamente desenvolvida por todos; ela é uma segunda espécie da arte mágica; só esta é que é maldita, pois impõe uma fatalidade às coisas e à vontade. E tudo o que os santos afirmam, é contra esta última<sup>42</sup>.

<sup>40</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, p. 74: «Propter hoc dixerunt quidam philosophi quod magis proficit vespertina comestio, etc. Johannes tamen Damascenus dicit in *Afforismis* suis vel secundum quosdam Diascorides, quod jejunare in estate continue usque ad vesperam facit quatuor mala, generat melancoliam malam, et ictericiam, et maciem, et defectum oculorum, et hoc experti sumus in pluribus».

<sup>41</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, p. 273, nota que se reporta à página 84, linha 25: «Aristoteles instruens Alexandrum Regem inquit, frequentationes pectinis super caput visum impediens evertunt ad cutem, ne visui obsint. Item inquit, aspectus rerum viridium in loco multae temperiei visum corroborat. Item dixit, aspiciere speculum tersum directum et diu intueri super ipsum visum corroborat, et oculi defatigationem removet. Item injunxit, post oculi defatigationem ingredi domum obscuram non multae tenebrositatis, et intueri fenestras in quibus sit aliquod parum viride, vel intueri aquam viridem, et submergere oculos in ipsa. Item dixit, exercitatio legendi literas mediocres visum corroborat, et oculorum sanitatem custodit».

<sup>42</sup> Roger Bacon, *Opus tertium*, cap. 9, Ed. J. S. BREWER, cit., pp. 26-27: «Sed pro certo sancti non reprobaverunt has scientias, de quibus loquor; licet maxima videatur hoc de mathematica, scilicet astronomia, propter judicia, et quia multi mathematici imposuerunt necessitatem libero arbitrio. Sed sancti non reprobant mathematicam, quae est pars philosophiae sed quae pars est artis magicae, ut manifestum est per sanctos. Nam Isidorus in tractatus Astronomiae dicit quod astronomia est duplex; una est naturalis, et alia supersticiosa; et mathematica una derivatur a

Já no *Opus maius* Bacon insiste sobre esta distinção entre os falsos e os verdadeiros matemáticos, apoiando-se uma vez mais nas diferentes *auctoritates*. Por outro, a astronomia, também deve ser entendida num duplo sentido: a boa e a má, ou seja, a que é a natural, e a outra, que é supersticiosa. Esta mesma distinção é feita em vários contextos da sua obra<sup>43</sup>. No *Secretum Secretorum* Bacon faz esta mesma distinção, de forma a distinguir a matemática de toda a arte divinatória e mântica. Para além disso, o nosso mestre franciscano insiste na distinção entre a arte da alquimia e a geomancia. A autoridade desta opinião, Bacon vai procurá-la nos autores cristãos, como forma de justificar a verdadeira ciência e a verdadeira filosofia.

Com efeito, ‘Mancia’ não é um termo filosófico, nem ‘Geomancia’, nem ‘Celimancia’, nem ‘Incantatio’, nem ‘Carmen’, nem estes termos desta espécie soam bem e segundo o âmbito da fé. Todavia, os assuntos filosóficos que Aristóteles considerou possuírem a verdade da filosofia, donde os tradutores de Aristóteles ignorando completamente o poder das ciências, nem conhecedores suficientemente da língua grega, nem dos vocábulos latinos próprios das ciências, falharam imenso, ao traduzirem muito; e mais erraram aqueles que traduziram a sabedoria de Aristóteles, em primeiro lugar do grego para árabe; em seguida, a partir do árabe, para latim, tanto este tradutor como vários outros. Por causa disto, quero ilustrar, com alguns exemplos deste livro algumas coisas. De fato, ‘Mancia’ vem da palavra grega, que em latim se diz ‘adivinhação’, que os magos e os matemáticos utilizam, na medida em que estes nomes, matemática e matemático derivam de uma forma vulgarmente entendida por ‘matesi’, pois ‘matesis’ é a [ciência] ‘mágica’ que impõe uma fatalidade às coisas e à vontade. É contra esta e contra os matemáticos, chamados assim por causa dela, que em particular os santos Agostinho e Gregório, nas *Homilias sobre a Epifania* discutiram o que aqueles afirmam, assim como em outros lugares, bem como todos os filósofos, que pertencem à dignidade dos filósofos, como Aristóteles, Avicena, Ptolomeu e todos os outros que foram verdadeiramente filósofos. Mas também estes verdadeiros juízes são chamados matemáticos a partir ‘mathesi’, produzida vulgarmente este escrito com aspiração. Esta ‘mathesis’ significa, em latim, a doutrina ou disciplina, como Cassiodoro ensina no seu livro sobre as Ciências Seculares<sup>44</sup>.

---

*mathesi*, media correpta et illa est pars philosophiae; altera dicitur a *máthêsi*, media produta et illa est secunda species artis magicae; et haec sola maledicta imponit necessitatem rebus et libero arbitrio. Et quicquid sancti dicunt est contra hanc».

- <sup>43</sup> Roger Bacon, *Communium Naturalium* I, d. 1, cap. 2, ed R. STEELE, Clarendon Press, Oxford 1905, p. 5: «Declaravi igitur in illa parte Mathematicae quod preter scienciam communem naturalibus sunt septem speciales: videlicet, Perspectiva: Astronomia, Judiciaria et operativa: Sciencia ponderum de gravibus et levibus: Alkimia: Agricultura: Medicina: Sciencia Experimentalis».
- <sup>44</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, p. 2: «Nam ‘Mancia’ non est verbum philosophicum, nec ‘Geomancia’, nec ‘Celimancia’, nec ‘Incantatio’, nec ‘Carmen’, nec bene sonant hec et hujusmodi secundum rationem fidei. Res tamen philosophice quas Aristoteles intellexit habent veritatem philosophie, unde translatores Aristotilis nescientes perfecte potestatem scienciarum, nec scientes sufficienter linguam Grecam, nec vocabula Latina scienciarum propria, multum defecerunt, transferendo in multo, eciam magis defecerunt qui sapienciam Aristotilis primo translata de

Para Bacon a astronomia é uma ciência válida, pois no capítulo vinte e dois, realça a importância da ciência dos planetas (*scientia planetarum*) que nos possibilita a leitura dos astros, de modo a poder efetuar-se as previsões dos ciclos climáticos da terra. No final da primeira parte do livro primeiro, o autor do *Secretum secretorum* dá-nos uma definição de astronomia:

Portanto, deve dizer-se que a astronomia está dividida em três partes, isto é, o seu conhecimento serve para a ordenação dos céus e das esferas, para a disposição dos planetas e para a determinação dos sinais, para a sua distanciação e dos seus movimentos e esta é a parte da astronomia que é chamada ciência. A segunda parte é aquela que trata da qualidade e do modo de conhecer o movimento do firmamento, o lugar dos signos sobre as coisas empíricas antes que elas se produzam sob o céu da lua e esta segunda parte é chamada Astronomia ou Ciência dos juízos. E a parte da astronomia que é mais nobre é a ciência das três coisas, isto é, da esfera, dos planetas e dos signos<sup>45</sup>.

Esta tripartição da ciência da astronomia também se encontra num outro texto de Bacon, os *Communia naturalium*<sup>46</sup>. A distinção que Bacon faz entre uma

---

Greco in Arabicum, postea in Latinum ex Arabico, transtulerunt, sicut iste translator et plures alii defecerunt. Propter quod aliqua de hoc libro volo quibusdam expositionibus illustrare. 'Mancia' vero Graece est 'divinacio' Latine, qua magici ac mathematici utuntur secundum quod hec nomina mathematica et mathematicus derivantur a 'matesi' media corepta, que 'matesis' est 'magica' inponens necessitatem rebus contingentibus et libero arbitrio. Contra quam et contra mathematicos ab ea dictos egregie beati Augustinus et Gregorius in *Omeliis de Epiphania* disputant et alibi, necnon philosophi omnes de dignitate philosophie pediti, ut Aristotiles, Avicenna, Ptolomeus, et omnes alii veraciter philosophantes. Set tamen hii veri iudicadores dicuntur mathematici a 'mathesi' media producta que etiam per aspirationem scribitur. Hec 'mathesis' est 'doctrina' Latine, vel disciplina, sicut Cassiodorus docet in libro *de Scientiis Secularibus*».

<sup>45</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, cap. 22, p. 62: «Sciendum ergo quod astronomia dividitur in tres partes, videlicet, in ordinationem celorum et sperarum, et in dispositionem planetarum et divisionem signorum et oerum elongacionem et de suis motibus, et ista pars Astronomie vocatur Scientia. Secunda pars est de qualitate et modo cognoscendi motum firmamenti, ortum signorum super rebus empiricis antequam fiant sub firmamento Lune, et hec secunda pars dicitur Astronomia sive Scientia judiciorum. Et dignior pars astronomie est scientia de tribus rebus, scilicet, de speris, planetis et signis».

<sup>46</sup> Roger Bacon, *Communia naturalium* I, d. 1, cap. 2, ed. R. STEELE, cit., p. 6: «Nam ut prius in Mathematicis habitum est, Astronomia est triplex. Due sunt de quantitate celestium et parcium habitabilis, una speculativa ut in *Almagesti* tradita, alia practica, ut in *Canonibus* et *Tabulis* et *Instrumentis*, que due non descendunt ad naturales virtutes celorum et stellarum, nec ad alteraciones inferiorum naturalium, neque ad judicia, neque opera, qui horum consideracio pertinet ad philosophiam naturalem. Et ideo est tertia Astronomia, que hec naturalia in celestibus et inferioribus investigat, quam tradidit Aristoteles in scientia de inpressionibus, sicut docet Averoyis secundo *Celi et Mundi* et liber *Novem Judicum*, et alii hoc cercius attestantur. Hec autem Astronomia traditur perfecte in libro *Plurimum Judicum*, et in multis aliis libris de hac scientia



*matesis* e *mathêsis*, por um lado, e a *mancia* e *divinacio* por outro, serve para estabelecer a diferença entre o que é da ordem da ciência e o que é da ordem da superstição. Vemos isso, novamente, na leitura introdutória de Bacon:

Mas os rapazinhos (glomerelli) que não sabem grego corrompem todas as palavras gregas, das quais a maior parte da língua latina é composta, donde, em razão da sua ignorância, popularizam estes versos falsos: a *matesis* produz saber, mas a *mathesis* produz a adivinhação. Os filósofos dizem *matesis*, os mágicos *mathesis*. E erram quer no sentido vulgar, quer no sentido textual, como fica claro conforme a verdade grega, porque ‘*matesis*’, forma popularmente corrompida e sendo a sílaba sem aspiração, significa adivinhação ou arte divinatória, cuja descoberta deve-se à adivinha Manta, como é revelado por Virgílio no décimo livro das *Enéadas*, e por Sérvio, seu comentador. Mas ‘*mathesis*’ no usado sentido popular e com aspiração na segunda sílaba, tal como é evidente nos livros gregos e na gramática grega, significa disciplina<sup>47</sup>.

Esta distinção poderá estar na raiz do significado de dois verbos gregos que Bacon não explicita claramente em nenhuma das suas obras: 1) *manteúô* que significa: fazer oráculos, adivinhar, donde: *mantikós* e *mantikê*, que significa, adivinho. Uma outra expressão radicada na forma verbal aparece no substantivo ‘*manteia*’, que significa adivinhação; 2) o segundo verbo, *manthánô*, do qual deriva a palavra ‘*mathêsis*’, significa conhecimento, ou instrução, cuja palavra, está também na raiz do termo matemática. A única diferença que distingue a expressão ‘*matesis*’ de ‘*mathesis*’ é, segundo Bacon, o facto de que na primeira expressão a sílaba é sem aspiração, enquanto que na segunda, ela é aspirada. Daí que, segundo Bacon, haja para o vulgo uma confusão entre as palavras de origem grega. No entanto, o *doctor mirabilis* não justifica a confusão de forma tão clara quanto isso, pois poderia ter precisado bem os dois diferentes étimos. Em textos mais tardios ele corrigirá a confusão que introduz ao dizer que ‘*mathesis*’ é uma palavra corrompida porque adscrita a adivinhação.

---

sicut sciunt qui in hac laboraverunt». Veja-se, igualmente: *Communia mathematica*, Ed. by R. STEELE, Carendon Press, London 1940, cap. 5-6, pp. 49-50.

<sup>47</sup> Roger Bacon, *Secretum Secretorum*, p. 3: «Set glomerelli nescientes Grecum, corumpunt omnia vocabula Greca, ex quibus major pars lingue Latine componitur, unde ex magna sua ignorancia vulgaverunt hos versus falsos: Scire facit matesis, set divinare mathesis/Philosophi matesim, magici dixere mathesim. Et errant in sensu et scriptura, ut patet ex dictis secundum Grecam veritatem, nam ‘*matesis*’ media corepta et sine aspiracione est divinacio sive ars divinandi qua Manto divinatrix adinvenit, ut per Virgilium decimo libro Eneydis et per Servium commentatorem ejus patet. Set ‘*mathesis*’ media producta et aspirata in secunda silaba, sicut patet ex Grecis libris et Greca gramatica, est disciplina».

Na sua *Opus maius* Bacon insiste sobre esta distinção silábica da palavra ‘mathesis’ para distinguir a falsa da verdadeira matemática.

Portanto, os teólogos encontraram muitas coisas divulgadas pelos santos contra os matemáticos e alguns deles, por causa da ignorância da matemática verdadeira e da matemática falsa, não sabiam distinguir a verdadeira da falsa; por isso pela autoridade dos santos culpavam tanto a verdadeira como a falsa. De fato, a expressão da verdadeira matemática é escrita com o *t* aspirado, e por este nome, *mathesis* a palavra é vulgarmente corrompida; designa a ciência, que é referido por muitos autores, pois é derivada certamente da palavra grega, pois o verbo *matheo* é o mesmo que o verbo latino *disco* e *mathetes* é discípulo, e *mathesis* disciplina. Donde, matemática é a ciência disciplinar e doutrinal, tal como disse anteriormente Cassiodoro<sup>48</sup>.

Na leitura de Bacon, a astronomia é uma ciência experimental. Para além disso, Bacon esforça-se por ver na tradição cristã antiga uma certa valorização da matemática, pelo menos, aquela que é considerada verdadeira pelos santos doutores, como por exemplo Agostinho de Hipona ou Isidoro de Sevilha.

Por tudo isto podemos concluir que Rogério Bacon, ao efetuar a edição de *Secretum secretorum* mostra o esforço que mantém, em particular, nas suas obras mais tardias, na renovação dos saberes e da sua organização académica. A sua edição revela o caráter complexo da edição de um texto, apesar de Rogério Bacon não pôr em causa a autenticidade do texto aristotélico. Por último, a importância de várias tradições científicas e filosóficas no âmbito dos saberes: grega, cristã, árabe e mesmo siríaca e judaica. Por conseguinte, tal como dissemos no início desta comunicação, e retomando a perspetiva de Stewart C. Easton, a obra *Secretum seretorum* influenciou decisivamente a visão da reforma da ciência efetuada pelo *doctor mirabilis*<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> Roger Bacon, *The Opus Majus*, pars quarta, cit., p. 239: «Theologi igitur multa invenerunt a sanctis effusa contra mathematicos, et aliqui eorum propter ignorantiam mathematicae verae et mathematicae falsae nesciunt distinguere veram a falsa, et ideo tamquam auctoritate sanctorum culpant veram cum falsa. Vocabulum enim verae mathematicae scribi per *t* aspiratum, et ab hoc nomine *mathesis* media correpta, quod scientiam designat, derivari a multis refertur auctoribus, et certum este x Graeco; quia *matheo* verbum idem est quod *disco*, et ita *mathetes* est discipulus, et *mathesis* disciplina, Unde mathematica est disciplinalis scientia et doctrinalis, sicut Cassiodorus dixit superius». Veja-se também o texto de Bacon: *Communia mathematica*, cap. 1, cit., p. 3.

<sup>49</sup> S. C. EASTON, *Roger Bacon and His Search for Universal Science: A Reconsideration of the Life and Work of Roger Bacon in the Light of His Own Stated Purpose*, Columbia University Press, New York 1952.